

Uma aposta na potencialidade do passado/da tradição¹

Ronaldo Manzi Filho²

Em muitos momentos do século XX, lemos reflexões sobre a elaboração do passado como um dos problemas centrais para podermos pensar de outra forma. Por exemplo, Maurice Merleau-Ponty propõe que uma verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo e que isso só é possível quando assumimos a tradição para podermos criar algo novo. Um pouco antes, Walter Benjamin propõe que estamos vivendo uma perda de experiência, pois nos tornamos incapazes de darmos uma forma simbólica transmissível de uma vivência. Theodor Adorno, ao pensar a educação, afirma que sua principal tarefa é a elaboração do passado. Hannah Arendt afirma que a crise na educação está correlacionada, entre outras coisas, com nossa postura de como lidamos com a tradição. Apesar de uma crise anunciar que nossa forma de vida entrou em colapso devido ao próprio modo de agirmos e pensarmos, não poderíamos simplesmente imaginar que poderíamos resolver nossos problemas ignorando o que foi pensado, vivido e instaurado. Zygmunt Bauman, por sua vez, destaca que vivemos em uma sociedade líquida, em que não herdamos nenhum “tesouro” da tradição. Bauman descreve como a sociedade moderna se caracteriza por “destruir” o que foi construído nas gerações anteriores em nome de algo melhor. Entretanto, o que se concretizou na contemporaneidade é uma destruição de tudo que era “sólido” e mesmo a própria ideia de sólido, tornando o que era durável algo retrógrado. O que vemos em comum nestas reflexões é a necessidade de uma retomada da tradição para que possamos pensar algo novo. A proposta dessa reflexão é retomar a importância da elaboração do passado como uma forma de se reaprender a ver o mundo – não por uma nostalgia, mas por apostar na potencialidade do passado.

A Bet on the Potential of the Past/Tradition

Throughout the 20th century, many thinkers have reflected on the elaboration of the past as a central issue for reimagining our ways of thinking. Maurice Merleau-Ponty, for instance, argues that true philosophy consists of relearning how to see the world—something only possible when we embrace tradition as a foundation for creating something new. Earlier, Walter Benjamin warns of a loss of experience, as we have become incapable of shaping lived experience into a transmissible symbolic form. Theodor Adorno, in his reflections on education, asserts that its primary task is the elaboration of the past. Similarly, Hannah Arendt points out that the crisis in education is, among other factors, deeply connected to our attitude toward tradition. Even though crises reveal the collapse of our way of life—brought about by our own modes of action and thought—we cannot assume that we can solve our problems simply by ignoring what has been thought, lived, and established before us. Zygmunt Bauman, in turn, highlights that we live in a liquid society, one that inherits no “treasure” from tradition. He describes how modern society is characterized by systematically dismantling what previous generations built, all in the name of progress. However, what we witness today is not just the destruction of what was once “solid” but also the very notion of solidity itself, rendering durability obsolete. What unites these reflections is the recognition that a return to tradition is essential for envisioning something new. This reflection, therefore, seeks to reaffirm the importance of engaging with the past—not out of nostalgia, but as a wager on its untapped potential to help us relearn how to see the world.

¹Este trabalho foi apresentado no **XXIX Congresso Internacional de Antropologia de Ibero-América** e no **VI Seminário de Pesquisa em Rede Internacional**, realizado no **Centro Universitário Mais – UNIMAI**S, realizado em Inhumas, Goiás, Brasil, de 29 a 31 de maio de 2025. Trabalho publicado nos anais do evento.

²Pós-Doutor em Filosofia, Psicologia Social e Educação; Centro Universitário Mais - UniMais. E-mail: ronaldo@facmais.edu.br